

868D23

Oce

OAK ST. HDSF

The person charging this material is responsible for its return to the library from which it was withdrawn on or before the **Latest Date** stamped below.

Theft, mutilation, and underlining of books are reasons for disciplinary action and may result in dismissal from the University.

UNIVERSITY OF ILLINOIS LIBRARY AT URBANA-CHAMPAIGN

FEB 26 1974

MAR 13 1974

JULIO DANTAS

A CEIA
DOS CARDEAES

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5, Largo de Camões, 6

1902



MUNICÍPIO DE LISBOA

11 - L. DA TRINDADE - 13
TELEF. 369951
LISBOA

A CEIA DOS CARDEAES

*2.^a edição em um acto, em verso, representada pela primeira vez no theatro D. Amélia,
em 24 de março de 1902*

Reservados os direitos de reprodução no Brazil conforme
preceitua a *Lei 496* de 1 de agosto de 1898.

JULIO DANTAS

A CEIA
DOS CARDEAES

LISBOA
LIVRARIA EDITORA
TAVARES CARDOSO & IRMÃO
5, Largo de Camões, 6

1902

868 D 23

Oce

AO ILLUSTRE POETA

SENIOR

CONDE DE MONSARAZ

FIGURAS

- CARDEAL GONZAGA DE CASTRO, bispo de Albano, e camerlengo *João Rosa*
- CARDEAL RUFO, arcebispo de Ostia e deão do Sacro-Collégio *Eduardo Bração*
- CARDEAL DE MONTMORENCY, bispo de Palestina *Augusto Rosa*

Em Roma,—Vaticano. Durante o pontificado de Benedetto XIV.
—Século XVIII.

A CEIA DOS CARDEAES

Uma grande sala no Vaticano. — Paredes cobertas de pannos de Arrás. — Amplos tectos de caixão, com apainelamentos de talha dourada. — Um retrato de cardeal, vermelho, sobre o fogão. — Á D. baixa, o cravo, o violoncello e o violino d'um tercetto classico. — Estantes altas, fradescas. Luzes. — Ao fundo, largo tamborete onde repousam as capas, os chapéus, os bastões. — Á E. baixa, grande armario pesado de baixellas d'ouro e prata batida. — Quasi a meio, bufete, onde ceiam os tres cardeaes: toalha de hollandilha picada de rendas, serviço de Sèvres, em branco e ouro, cristaes. Luzes.

CARDEAL GONZAGA, CARDEAL RUFO, CARDEAL DE MONTMORENCY,
sentados ao bufete, ceando;
os famulos, todos de verde e prata, servem-n'os, de joelhos

CARDEAL RUFO, visivelmente agastado

Será já amanhã!

CARDEAL GONZAGA, ao CARDEAL RUFO, apontando uma travessa
de Sèvres

Eminencia, o faizão . . .

CARDEAL RUFO

Como arcebispo d'Ostia e cardeal deão,
Cumpre-me receber o embaixador de França!
Dir-lhe-hei. . .

CARDEAL DE MONTMORENCY, *interrompendo*

Eminencia, a humanidade avança!
Não é justo cerrar-se ao pensamento humano,
Como uma porta d'ouro, o velho Vaticano!
Dir-lhe-ha? . . . Que poderá dizer Vossa Eminencia?

CARDEAL RUFO, *vehemente*

França é a Encyclopédia!

CARDEAL DE MONTMORENCY

E Roma a intransigencia!

CARDEAL GONZAGA, *intervindo, conciliador*

Eminencias, então! . . .

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a um famulo, que curva o joelho,
servindo os vinhos*

Velho-Rheno.

CARDEAL RUFO, *a outro famulo*

Xerez.

Continuando, a DE MONTMORENCY

Roma! Roma que viu, pela primeira vez,
Benedetto XIV, um Papa, a receber
Conselhos de Inglaterra e cartas de Voltaire!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *grandiosamente*

As cartas de Voltaire, honram!

CARDEAL, RUFO, *n'um sorriso desdenhoso*

É natural.

Fala como francez.

CARDEAL DE MONTMORENCY, *com dignidade*

Falo como cardeal!

CARDEAL GONZAGA, *intervindo, de novo*

Mas, perdão. . . Não será politica de mais
Para uma ceia alegre? Emfim, tres cardeaes
Não salvam Roma. . .

CARDEAL RUFO, *n'uma grande attitude*

Pois em minha consciencia,
Bastava um só para a salvar!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *com ironia*

Vossa Eminencia?

CARDEAL GONZAGA, *conciliando, docemente*

Deixemos isso a Deus. E na divina mão
Roma repousará.

CARDEAL DE MONTMORENCY, *n'um sorriso*

Vamos nós ao faizão?

Trinchando, com galanteria

Se permittem, eu sirvo. É um faizão dourado,
Máu politico, sim, mas todo embalsamado
De trufas. Nunca fez encyclica nenhuma,
Não usou solidéo por sobre a aurea pluma,
Nem discutiu Calvino em pleno consistorio.
Mas é superior por certo a S. Gregorio.

Ao CARDEAL RUFO

Eminencia não acha?

Ao CARDEAL GONZAGA, servindo

A perna? A aza? O peito?—
Muito superior, sobre tudo em direito
Cannónico.—Uma azinha, Eminencia? Talvez
A possa amaciar, regando-a de Xerez...
A ave é rija de mais para vélhinhos doentes...

CARDEAL GONZAGA, *muito formalizado*

Eminencia! Inda tenho uns quatro ou cinco dentes...

CARDEAL RUFO, *provando o faizão*

Benedetto, talvez não ande muito mal,
Se dér ao cosinheiro o chapéu de cardeal!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a D. RUFO*

Inda agora, a Eminencia agastou-se commigo...
Confesse...

CARDEAL RUFO

Eu?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Agastou.

CARDEAL RUFO, *desculpando-se*

Voltaire é um inimigo...

CARDEAL DE MONTMORENCY

E nós amigos... São discordancias fugaces,
Eminencia...

CARDEAL RUFO, *abraçando-o, com ternura*

Depois...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *beijando-o*

Vem o *osculum pácis*...

CARDEAL RUFO

Sobre um beijo outro beijo, e sobre um anno outro anno...
 Como envelhece a gente, o velho Vaticano!
 A politica... O mal que se faz e desfaz
 No mysterio subtil d'estes pannos d'Arrás...
 A intriga na sombra... Os passos sempre incertos...

CARDEAL GONZAGA, *olhando a estante de musica*

O que nos vale...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Ah, sim... São os nossos concertos...

CARDEAL RUFO

Musica d'uma uncção espiritual tão grande!

CARDEAL GONZAGA, *n'um extase*

Como a alma sóbe a Deus, nas fugas de Lalande!

CARDEAL RUFO, *a de Montmorency*

Depois, o seu violino... Eminencia é artista...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a D. Rufo*

E o seu violoncello...

CARDEAL RUFO

Oh! A perder de vista!

N'um sorriso de beatitude

Só com tres cardeaes, Roma era um céu aberto!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *tristemente*

Tão longe, a mocidade...

CARDEAL GONZAGA, *n'uma lagrima*

E o tumulto tão perto! —
Cahiu-nos sobre a fronte a néve dos caminhos...

CARDEAL RUFO

Envelhecemos tanto!

CARDEAL GONZAGA, *a D. Rufo*

Estamos tão velhinhos... —
Já fez sol, para nós... Sol! Pois não é verdade?

CARDEAL RUFO, *como n'um sonho*

Sol!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *a um dos famulos*

Mais Champagne.

CARDEAL GONZAGA

Sol! — Inda aquéce, a saudade...
 O pensar que se amou, que se viveu... O amor!
 — Um tronco envelhecido a cuidar que deu flôr!

Depois d'um instante, n'um embevecimento

Mysterioso monte é n'este mundo a vida...
 Todo rosas abrindo ao galgar na subida,
 E a velhice, ao descer, toda cheia de espinhos...
 — Ai, tão vélhinhos!

CARDEAL RUFO, *tristemente*

Tão vélhinhos!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *olhando os dois, com ternura*

Tão vélhinhos!

CARDEAL RUFO

Reliquias. Devo ter setenta e tres já feitos.

CARDEAL GONZAGA

Eu tenho oitenta e um.

CARDEAL DE MONTMORENCY, *sorrindo, ao olhal-os*

São dois vólhos perfeitos...
Tres... Tres vólhos sem côr, que a saudade aviventa...

CARDEAL RUFO, *a* DE MONTMORENCY

Vossa Eminencia tem, quantos?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Tenho sessenta.

CARDEAL RUFO, *ao* CARDEAL GONZAGA, *olhando* DE MONTMORENCY
com uma invêja infantil

Sessenta, só!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Sessenta. E a vida já me cança...

CARDEAL GONZAGA

Vossa Eminencia está ainda uma creança!

CARDEAL RUFO, *olhando embevecidamente* DE MONTMORENCY

Tambem já fui assim! E que rijo que eu era!
Sessenta annos! Ainda em plena primavera!
Tal qual assim. . . Tal qual!

CARDEAL GONZAGA

E eu! O que direi eu!

CARDEAL RUFO

Então, inda eu compunha ao espelho o solidéo,
E via, com amor, sob a sêda vermelha,
Uns fios d'ouro a rir por entre prata velha!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *sorrindo*

Mas, Eminencias. . . Não! Com sessenta annos feitos
Não sou, precisamente, uma creança de peitos. . .
Sou um vélho tambem. . . Um vélhinho com o ar
De quem viveu feliz e envelhece a cantar. . .

CARDEAL GONZAGA

É. É uma creança. Em tendo a nossa idade,
Verá que o recordar coisas da mocidade
É o prazer maior que podem ter os vélhos. . .
Para nós, recordar é cahir de joelhos. . .

CARDEAL DE MONTMORENCY

Eu sei... Eu tambem sei... Recordar é viver...
Transformar n'um sorriso o que nos fez soffrer...
Resurgir dentro d'alma uma idade passada,
Como em capella d'ouro ha cem annos fechada
Onde não vae ninguem, mas onde ha festa ainda...
Se eu não hei de saber como a saudade é linda!
Se eu não hei de saber!—É curioso, Eminencias...
Não fizemos ainda as nossas confidencias,
E somos como irmãos... Tão amigos!

CARDEAL RUFO

É certo!

CARDEAL GONZAGA

Confidencias...?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Então... A morte vem tão perto...
Olhemos para traz... Lembremo-nos da vida...
A saudade d'um vélho é uma estrada florida!

CARDEAL RUFO, *como n'um sonho*

Confidencias d'amor!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Porque não ha de ser?
 Em toda a mocidade ha um riso de mulher...
 Contemos esse riso uns aos outros... Nós tres...
 Recordar um amor é amar outra vez...
 Ninguem nos ouve...

CARDEAL GONZAGA

Mas, Eminencia!

CARDEAL DE MONTMORENCY

O maior
 Amor da nossa vida!

CARDEAL GONZAGA, *n'um sincero pudor, tapando a cara*

Oh!

CARDEAL RUFO, *como quem sonha*

O maior amor!

CARDEAL GONZAGA, *querendo protestar*

Mas nós somos cardeaes!

CARDEAL RUFO, *enthusiasmando-se*

O sentimento humano
 Em toda a parte vive, até no Vaticano!

E esta purpura, ai não, seria crueldade,
 Pode matar o amor, mas não mata a saudade!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *ao* CARDEAL GONZAGA

Principie o mais vélho... Eminencia...

CARDEAL GONZAGA

Por Deus!

Não, não,

CARDEAL RUFO, *a* DE MONTMORENCY

Seja o mais novo!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *escusando-se, polidamente, n'um gesto*

Oh!

CARDEAL RUFO, *tomando uma grande attitude*

Serei eu, então!

Pensando um instante

Que lhes hei-de contar?

Erguendo a cabeça, os olhos brilhantes, como quem encontrou

Uma aventura linda,
 Cheia de coração! Ai, não ter eu ainda

Mocidade na voz para a saber contar!
 Eminencias, perdão se eu acaso chorar...
 Se uma lagrima... — Emfim, são tudo impertinencias
 De vélhos...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *como convidando-o a principiar*

Eminencia...

CARDEAL RUFO, *depois d'um ligeiro cumprimento a ambos*

Eu começo, Eminencias. —

Aos vinte annos ou vinte e dois, proximamente,
 Fui eu, por gentileza a um fidalgo parente,
 Com minha capa negra e minha volta branca
 Lêr cannonees e leis na douta Salamanca.
 Era então um pequeno, espadachim e ousado,
 O feltro ao vento, o manto ao hombro, a espada ao lado,
 Tendo o instincto da phrase e a intuição do gesto,
 — Um Velasques no trajo, um Quixote no résto,
 Que seria talvez, por suprema façanha,
 Capaz de desafiar o proprio rei de Hespanha!
 Nem pode calcular sequér, vossa Eminencia,
 Como o meu buço loiro irradiava insolencia!
 Não matei em duéllô o sol, pelas alturas,
 Só para não deixar Salamanca ás escuras!
 A respeito de amor, como essencia divina,
 Fiquei-me no *D. Juan* de Tirso de Molina:
 O amor para mim, por mais alto que fôsse,
 Morria, ainda em flôr, com a primeira posse!

Detestava a mulher, depois de conquistada :
 A conquista era tudo ; o résto, quasi nada . . .
 Não podia soffrer aventuras serenas .
 Para mim, o amor era o duéllo apenas.
 Batia-me ao acaso, emfim, por qualquer cousa
 Um beijo, uma mulher, uma pédra preciosa,
 Uma flôr que se atira, aza d'ouro pelo ar,
 A esmola d'um sorriso, a graça d'um olhar . . .
 Já não tinha valor para mim nenhum bem,
 Se não fosse preciso ir disputal-o a alguém.
 Assim vivia eu e os outros estudantes,
 Lendo pouco Platão, lendo muito Cervantes,
 Quando entrou de jornada em Salamanca um dia
 Sobre carros de bois, a maior companhia
 De cómicos, que eu vi ainda em toda a Hespanha !

CARDEAL DE MONTMORENCY, *n'um sorriso*

Se visse a de Molière . . . Oh !

CARDEAL RUFO, *sem se desmanchar*

Não era tamanha
 Nem tão rica por certo. Ah ! Foi uma loucura
 Na Universidade ! — A primeira figura
 Do bando era uma viva e linda rapariga,
 Um Rubens precioso, uma belleza antiga . . .

CARDEAL GONZAGA, *tapando a cara*

Oh !

CARDEAL RUFO

D'um louro flamengo, a cabecita airosa
Toda n'um garavim de sêda côr de rosa,
Como um beijo de luz, rescendia innocencias. . .

CARDEAL DE MONTMORENCY, *extranhando a palavra*

Oh!

CARDEAL RUFO

Eu peço perdão se me excedo, Eminencias. . .
Mas aquella mulher era um anjo dos Céus!
Se Deus a pretendesse. . . eu desafiava Deus!
Vêr um anjo a dizer-me — ó natureza cêga! —
Versos de Calderon e de Lope de Véga! —
A representação foi sobre um páteo vélho,
Todo armado, á fidalga, em damasco vermelho,
N'um tapete real de capas de estudantes!

N'um desfallecimento, escondendo uma lagrima

Ai, o que eu sou agora! Ai, o que eu era d'antes!
Quanta luz, quanto fogo a velhice nos rouba! —
Representaram, não sei bem se a *Niña Bôba*,
Um poemasiño léve, onde a graça esvoaça. . .
Mas sem ella, sem ella onde estaria a graça?
N'isto, em meio talvez da representação
Ouvi ao pé de mim, d'entre um bando folião
De escolares, dizer em voz rouca e sumida:
« O rapto será logo, hein? Será á sahida,

Na porta dos braços. Quando a linda *Bôbinha*
 Entrar na sua rica e léve cadeirinha,
 Cahiremos sobre ella, e. . . » Não ouvi mais nada.
 Inda desembainhei meio palmo da espada,
 Mas contive-me. « Não. Logo é melhor. » — disse eu.
 Quando acabou a péça, era noite. Desceu
 Uma tapeçaria. A cadeirinha, fóra,
 Á porta dos braços, para sua senhora,
 Era um ninho infantil de lúcido brocado. . .
 Perto, o bando escolar aguardava, embuçado.
 Occultei-me tambem nas sombras da viella,
 Desembainhei a espada, e. . . N'isto, assomou ella.
 Diz-se: espada e annél, na mão em que estiver!
 Mas sempre é forte a mão, quando é linda a mulher!
 Atirei-me d'um salto, e em rapidos instantes,
 Sósinho contra vinte e tantos estudantes,
 Contra uma faculdade inteira, expondo a vida,
 A capa ao vento, a espada em punho, a pluma erguida,
 Talhei, ensanguentei, feri, n'uma violencia. . .

Esgrimindo com o bastão, por sobre a mesa

Assim! Assim!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *defendendo a loiça e o serviço riquissimo*

Por Deus! É Sèvres, Eminencia!

CARDEAL RUFO, *sentando-se, n'um grande gesto fanfarrão*

E se não os matei a todos, em verdade,
 Foi p'ra não se fechar a Universidade!

CARDEAL GONZAGA, *profundamente admirado*

Sósinho contra vinte! Uma lucta sangrenta!

CARDEAL RUFO

Vinte? — Trinta! Ou talvez, contando bem, quarenta!

CARDEAL DE MONTMORENCY

E então... a cadeirinha?

CARDEAL RUFO

Ah! Desappareceu.

CARDEAL GONZAGA

E a cómica?

CARDEAL RUFO

Sei lá!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Quê? Não a seguiu?

CARDEAL RUFO

Eu?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Não a tornou a vêr?

CARDEAL RUFO, *tristemente*

Não. Nunca mais a vi.

Foi por isso que a amei, — porque a não possui!

CARDEAL DE MONTMORENCY

No seu caso, Eminencia, eu. . .

CARDEAL RUFO

Diga. . .

CARDEAL DE MONTMORENCY

Se o consente. . .

CARDEAL RUFO

Seguia a cadeirinha?

CARDEAL DE MONTMORENCY

Immediatamente.

E ao attingil-a, então, curvaria o joelho,
Tiraria o chapéu, em grande estylo vélho,
E prostrando-me junto á portinha dourada,
De corpo ajoelhado e d'alma ajoelhada,
Diria n'um olhar cheio de sonhos loucos:
«Senhora, perdoae, bater-me. . . com tão poucos!»

CARDEAL RUFO

Linda phrase!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Não é?

CARDEAL RUFO

Pena não me occorrer . . .

Com grande tristeza na voz

Agora é tarde já para eu lh'a dizer!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Tinha espirito . . . — Emfim, o amor, pensando bem,
 Não é só a bravura, é o espirito tambem,
 Essa força subtil e tenuissima quasi,
 Que é a alma do gesto e a nobreza da phrase,
 Qualquer coisa de fino e flexuoso e ardente,
 Que nos faz ajoelhar, irreflectidamente,
 Perturba, vence, infiltra, e mal afflora á bocca,
 Véste de seda e ouro a confissão mais louca . . .
 Que seria o amor sem espirito, Eminencia?
 Uma paixão brutal ou uma impertinencia,
 Sem pureza, sem tudo aquillo que resume
 O coração n'um beijo e a alma n'um perfume!
 Com uns punhos de renda, até a offensa é linda!
 Pode ser fina a espada; a phrase é mais ainda!

Uma escóla subtil de esgrima delicada. . .
 Procura o coração a phrase, como a espada,
 E desfaz-se, ao ferir, em pédras preciosas,
 Como os raios de sol, quando férem as rosas. . .
 Se ao homem vence a espada, e se é bello vencer,
 O espirito faz mais, — porque vence a mulher!
 No meu tempo, no tempo em que amei e vivi,
 Fui o que inda hoje são os de Montmorency,
 O grande espirituoso, o leão da nobreza
 Cabelleira em annéis e góla á Genoveza,
 Passeando, todo em sêda, orgulhoso e solemne,
 Pelas salas feudaes da duqueza de Maine.
 Ah! Como já vae longe esse tempo d'amor!
 Como vae longe! — Um dia, o velho Philidór
 Tocava sobre o cravo um lindo minuete,
 Um mimo, o que ha de mais século XVII. . .

Querendo recordar-se, e cantando

La-ri, la-ra, la-ri. . .

Suspendendo, tristemente

Já não me lembro bem. . .

Tudo passa!

Tentando de novo recordar-se

La-ri, la. . . — N'esse instante, alguém,
 Uma linda mulher que eu já tinha encontrado
 Nas ruas de Versailles, em seu côche dourado,

A Embaixatriz d'Austria, umá deusa, um assombro,
 Poisou, n'um gésto lindo, a mão sobre o meu hombro
 E disse, n'uma voz desdenhosa: « Marquez,
 Detesto-o.» Sorri. N'isto, segunda vez:
 « Aborreço-o.» Ri ainda. Ah, Eminencias!
 Uma mulher bonita a dizer insolencias
 É a coisa mais galante e mais deliciosa
 Que póde imaginar-se. É como se uma rosa
 Soltasse imprecações, vermelha e melindrada,
 Contra as azas de sol d'uma abelha dourada...
 N'isto, terceira vez: « Marquez, tenho-lhe horror.»
 Já não ri. Junto ao cravo, o vélho Philidór
 Tocava o seu minuete ingénuo e palaciano...

Querendo ainda lembrar-se

La-ri, la-ra, la... Não... La-ri...

N'uma grande expressão dolorosa

Ha já tanto anno!
 Não me lembro... A velhice!

Vendo, de repente, o velho cravo fradesco, e erguendo-se

Ah, talvez, sim... Talvez
 O consiga tirar n'este cravo hollandez.

*Ferindo as téclas com a mão esquerda, de pé, e continuando a falar
para os dois cardeaes enquanto vae tocando*

La-ri, la-ra . . . — Então, decidi-me, Eminencias.
Compuz a cabelleira, e em duas reverencias,
O pé atraz, a mão na espada, á moda antiga,
Curvei-me ante essa linda e fidalga inimiga,
E disse: «A sua mão. Venha, minha senhora. . .
Não me detestará d'aqui a meia hora.» —
Dançámos o minuete. Ella — era singular! —
Dava-me a impressão d'uma renda a dançar,
Uma renda ligeira, um Saxe transparente,
Onde se iam poisar, perturbadoramente,
Como um enxame d'ouro, espirituoso e léve,
Desde a bréve ironia ao epigramma bréve,
A phrase á Marivaux, ardente e complicada,
O eterno quasi tudo, — apenas quasi nada,
O espirito-mesura, o sorriso-eloquencia. . .

Ao cardeal Rufo, que está mais proximo

Não sei, precisamente, o que disse, Eminencia,
Mas devia ter sido um requinte de graça,
Galanteio que vóa ou perfume que passa,
Poema todo em rosa, apaixonado e brando,
Que nos dá a illusão de que se diz sonhando,
Eloquencia d'amor que perturba a mulher,
E vence quando ajoelha, e beija quando fére!
La-ri, la . . . Terminou o minuete, por fim.
Meia hora depois, nas sombras do jardim,

A Embaixatriz d'Austria, apaixonada, louca,
 Unindo á minha bocca a pequenina bocca,
 Dizia-me a sorrir: « Como o adoro, marquez! »
 — O espirito vencêra ainda mais uma vez!
 E enquanto Philidór, junto ao cravo...

Tocando, á procura, n'um desespero

Não sei...

La-ri, ra...

Depois, n'uma explosão subita d'alegria, sentando-se ao cravo, a tocar

O minuete! Achei! Achei! Achei!
La-ri-ra, la-ri-ra, la-ra...

GARDEAL RUFO, *erguendo-se e aproximando-se*
 do CARDEAL DE MONTMORENCY

Vossa Eminencia
 Perdôa-me, talvez, mais uma impertinencia...

CARDEAL DE MONTMORENCY, *levantando-se do cravo*

Era lindo, o minuete!

CARDEAL RUFO, *sorrindo*

É que para vencer
 N'esse jogo floral uma simples mulher,
 Parece-me de mais a sua meia hora...

CARDEAL DE MONTMORENCY

Oh! Pois acha, Eminencia?

CARDEAL RUFO

O espirito... demora!

Trinta e tantos brigões fortes e resolutos

Venci eu, a poder de espada, em dois minutos!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *n'uma ironia, a D. RUFO*Seguisse a *Niã Bôba*... A Eminencia veria...

Passava a meia hora, e não a venceria!

Ao CARDEAL GONZAGA, que pensa, n'uma attitude quasi d'extase

A Eminencia que diz?

CARDEAL RUFO, *acercando-se tambem do CARDEAL GONZAGA
e tocando-lhe nas costas*

Em que pensa, cardeal?

CARDEAL GONZAGA, *como quem acorda, os olhos cheios de luz,
a expressão transfigurada*

Em quanto é diferente o amor em Portugal!

Nem a phrase subtil, nem o duello sangrento...

É o amor coração... É o amor sentimento...

Uma lagrima... Um beijo... Uns sinos a tocar...

Um parsinho que ajoelha e que se vae casar...

Tão simples tudo! Amor que de rosas se inflora...
 Em sendo triste, canta, em sendo alegre, chóra!
 O amor simplicidade, o amor delicadeza...
 Ai, como sabe amar, a gente portugueza!
 Tecer de sol um beijo, e desde tenra idade
 Ir n'esse beijo unindo o amor e a amisade,
 N'uma ternura casta e n'uma estima sã,
 Sem saber distinguir entre a noiva e a irmã...
 Fazer vibrar o amor em cordas mysteriosas,
 Como se em communhão se entendessem as rosas,
 Como se todo o amor fosse um amor sómente...
 Ai, como é differente! Ai, como é differente!

CARDEAL RUFO

Tambem vossa Eminencia amou?

CARDEAL GONZAGA

Tambem! Tambem!
 Pode-se lá viver sem ter amado alguém!
 Sem sentir dentro d'alma — ah, podel-a sentir! —
 Uma saudade em flôr, a chorar e a rir!
 Se amei! Se amei! — Eu tinha uns quinze annos apenas.
 Ella trese. Um amor de creanças pequenas,
 Como uma nuvem d'ouro ao abrir da manhã...
 Era minha priminha. Era quasi uma irmã.
 Bonita não seria... Ah, não... Talvez não fôsse...
 Mas que profundo olhar, e que expressão tão dôce!
 Chamava-lhe eu, a rir, a minha mulhersinha...
 Nós brincávamos tanto! Eu sentia-a tão minha!

Toda a gente dizia, em pleno povoado:
« Não ha noiva melhor para o senhor morgado,
Nem em capella antiga ha santa mais santinha. . . »
E eu resava, baixinho: É minha! É minha! É minha!
Quanta vez, quanta vez, cançados de brincar,
Ficavamos a olhar um para o outro, a olhar,
Todos cheios de sol, offegantes ainda. . .

N'uma grande expressão de dôr

Era feia, talvez, mas Deus achou-a linda. . .
E uma noite, a minha alma, a minha luz. . . morreu!

N'uma revolta angustiosa

Deus, se m'a quiz tirar, p'ra que foi que m'a deu?
Para quê! Para quê!

CARDEAL DE MONTMORENCY, *ao vel-o erguer-se, amparando-o*

Oh! Eminencia. . .

CARDEAL RUFO, *curvando-se, tambem para o amparar, commovido*

Então!

CARDEAL GONZAGA

Ai! Pois não via, Deus, que eu tinha coração?

CARDEAL RUFO

Eminencia!

CARDEAL GONZAGA, *cabindo sobre a mesa, a soluçar*

Não via! Ai, não via! Não via!
Cuidou que d'um amor outro amor refloria,
E matou-me. . . E matou-me!

CARDEAL DE MONTMORENCY

Eminencia. . .

CARDEAL GONZAGA

Afinal,
Foi esse anjo ao morrer que me fez cardeal!
E eu hoje sirvo a Deus, a Deus que m'a levou. . .

CARDEAL RUFO, *a DE MONTMORENCY, limpando uma lagrima fugitiva,
enquanto as onze horas soam no Vaticano*

Foi elle, de nós tres, o unico que amou!

Cõe o panno, lentamente.



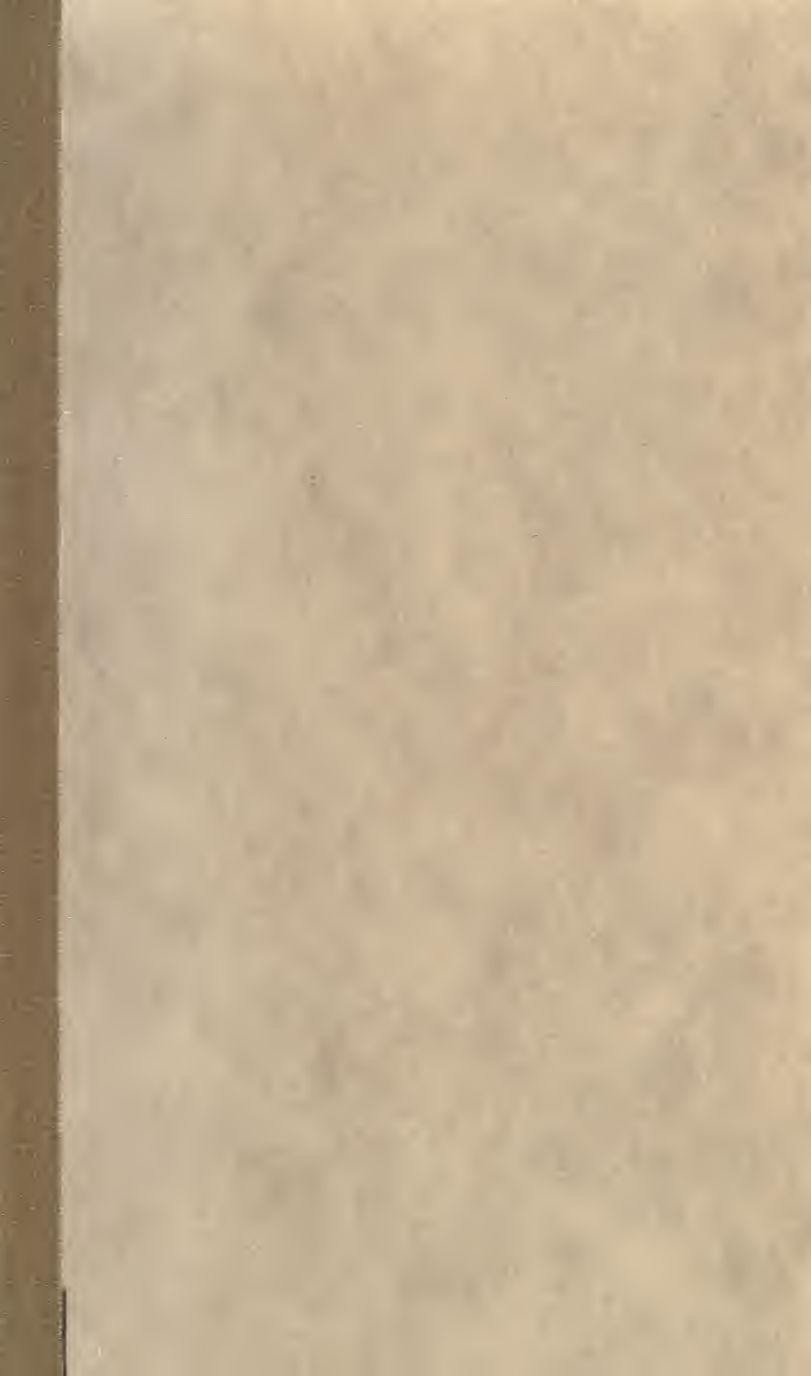
Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão

5, LARGO DE CAMÕES, 6—LISBOA

BREVEMENTE

- Paixão de Maria do Céu*, o mais lindo romance d'amôr em lingua portuguesa, o mais notavel dos ultimos tempos, por C. Malheiro Dias, o eminente auctor do *Filho das Hervas* e dos *Telles d'Albergaria*, 1 vol., 800.
- Os Alienados nos Tribunaes*, pelo dr. Julio de Mattos. I Parte: *Casos criminaes*. II Parte: *Casos civeis*. 1 vol. com photogravuras, 700.
- O Instincto Sexual* e as suas manifestações morbidas sob o duplo ponto de vista da jurisprudencia e da psychiatria, pelo sabio professor russo dr. B. Tarnowski. 1 vol., 700.
- Cancioneiro Chinês*, pelo dr. Antonio Feijó. 2.^a edição melhorada e impressa a duas côres. 1 vol.
- A Resurreição dos Deuses*, por Merejkowsky. Grande romance da Renascença.
- Estrangeirismos*, pelo dr. Candido de Figueiredo, auctor do notavel *Novo Diccionario da Lingua Portuguesa*.
- Contos Christãos*, por Wyzewa, consagrados á mocidade christã. 1 vol. com illustrações, elegantemente cartornado.





UNIVERSITY OF ILLINOIS-URBANA



3 0112 064379289